



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES

SARA ARAÚJO SOUZA

**A FICÇÃO E A HISTÓRIA NA OBRA
“DOIS ÍRMÃOS” DE MILTON HATOUM**

**Brasília
2012**



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES

SARA ARAÚJO SOUZA

**A FICÇÃO E A HISTÓRIA NA OBRA
“DOIS ÍRMÃOS” DE MILTON HATOUM**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras do Centro Universitário de Brasília (Uniceub) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, orientada pela Professora Dr^a Ana Luiza Montalvão Maia.

**Brasília
2012**

SARA ARAÚJO SOUZA

**A FICÇÃO E A HISTÓRIA NA OBRA
“DOIS IRMÃOS” DE MILTON HATOUM**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras do Centro Universitário de Brasília (Uniceub) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – Faces, orientada pela Professora Dr.^a Ana Luiza Montalvão Maia.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Dr^a Ana Luiza Montalvão Maia – UNICEUB (Orientadora)

– UniCEUB

– UniCEUB

Dedico este trabalho:

Aos meus pais, Maria e Cezário, que, em sua simplicidade, ensinaram-me que vencer não é apenas ganhar, mas também saber reconhecer o valor de cada perda.

Às minhas irmãs: Vanda, pela força sempre tão presente; Vânia, por ter sempre acreditado em mim e sido mais que uma irmã; Denira, por até hoje ainda ver a criança existente em mim; Val, por ser tão ligada à família; e Solange, por ser a mais politicamente correta da família. A todas essas guerreiras, pelo caminho que sempre me incentivaram a trilhar.

Aos meus sobrinhos: Jessica, pela criança sempre presente; Rogério, meu homem guerreiro; Ana Karoline, pelo jeito “diferente” de enxergar e amar a vida; Gabriele, pela doçura de seu olhar; George, meu pequeno construtor; Ariadne, a minha menina mulher; Karla, minha bonequinha; Aline, meu pequeno anjinho; e Gabriel, meu pequeno príncipe.

À minha doce Ana clara, meu bebezinho, que com os seus olhos sonhadores, ensinou-me o que é ter perseverança.

Ao meu querido Vicente, sem o qual não teria sido possível a realização deste sonho, neste momento.

À Grazielle, minha menina.

À Neide, que com seu jeito “maluco” de ser, sempre foi tão amiga.

Aos meus cunhados, por fazerem a vida de minhas irmãs ainda mais alegre.

À mamãe e ao papai, meus queridos avós, que estão no céu olhando sempre por mim.

À Carmelita e ao Antônio (em memória), avós queridos.

À toda minha família, que, de algum modo, fez parte dessa caminhada.

E, por último, mas, não menos importante, à Ana Luiza, meu doce anjo de luz, pelo aprendizado que nunca esquecerei.

Agradeço imensamente:

A DEUS, que me dá força e sabedoria para montar, a cada dia, o quebra-cabeça da minha vida.

À minha família (pais e irmãs), que sempre foi o alicerce para a construção dos meus sonhos.

À Ana Luiza, que foi mais do que uma orientadora, uma amiga que estará em meu coração sempre. Uma das pessoas mais cultas que tive a honra de conhecer, minha trilha iluminada.

Ao Vicente, pelo incentivo e aprendizado que sempre estarão comigo.

Aos professores do UniCEUB, que fizeram essa caminhada ser ainda mais prazerosa.

Ao Anézio, primeiro inspirador para essa caminhada.

À Maria e ao Arnaldo, pois me fizeram admirar e gostar de Língua Portuguesa.

Ao Carlinhos, sem o qual não saberia escrever alguns versos.

Ao professor Nelson, inspiração para a minha literatura.

Ao Luiz Fernando, meu exemplo de professor.

À Cleyriane, amiga de toda uma vida.

À Adriana, pelos momentos sempre presentes em minha jornada.

À Gis, pela doçura de seu sorriso.

À Ellen, pela doçura de seu olhar e pelo meu presente, Ana Clara.

À Shirley, a melhor amiga que alguém poderia ter.

À Carla, pelo seu sorriso sempre doce.

À Claudia, por viver tão intensamente.

À Luciana Góis, presente em tantos momentos.

À Luciana Cunha, pela amizade sempre constante.

À Iraídes, pelo apoio constante, a primeira amiga em Brasília.

À Rosinha, pela amizade incondicional, por ter me proporcionado Júlia.

À Edvânia, das amigas, a mais guerreira.

À Jussara, pela doçura sempre presente.

À Célia, amiga que ficará para sempre em meu coração.

À Maria de Jesus, pela amizade que nunca deixará de existir.

À Flavinha e Danny, pela alegria intensa.

E a todos os amigos que, de alguma forma, fizeram parte dessa caminhada.

Nas obras, Hatoum joga todos os dados no tabuleiro da profusão de imagens e sensações caudalosas que marcaram sua vida. Transforma-se no mercador da bela prosa poética, no mascate cuja embarcação permanece atracada no cruzamento de culturas tão díspares quanto coexistentes. De sua mala saem vozes da tradição oral milenar oriental, cânticos de tribos perdidas no paraíso perdido, sons emitidos por curumins na selva, fala de judeus marroquinos estabelecidos na província. De suas histórias brotam os conflitos da família árabe, as lendas amazônicas, irrompem os caboclos. O escritor funde carneiro e arara, tanga e túnica, cedro e jacareúba, narguilé e tabaco de corda, tucum e jasmim, cunhantãs e matriarcas, mediterrânico e amazônico. Hatoum espalha um punhado de zatar no rio Negro. (KASSAB, Álvaro. **Jornal da Unicamp**. Campinas, junho de 2001 – Ano XV – n.163).

RESUMO: Esta pesquisa objetiva analisar de que forma o ficcional e o factual estão presentes na obra “Dois irmãos”, de Milton Hatoum, *corpus* da pesquisa. Foram verificados, neste trabalho, o diálogo entre Literatura e História e a Literatura com outros saberes pelo viés dos Estudos Culturais, privilegiando, na obra hatouniana, a relação entre Literatura, Memória e História, ao se destacar a presença do contexto histórico (1964 – 1985), período da Ditadura Militar no Brasil e sua permanência no *locus* da enunciação do romance, Manaus, capital do Amazonas. O *corpus* da pesquisa também se constitui de prática ao letramento literário, ao estabelecer ligação entre a ficção brasileira contemporânea e o ensino de literatura no Ensino Médio, propiciando a formação de leitor crítico, ao destacar a importância da prática de leitura literária como veículo de reconhecimento do passado histórico com o olhar do presente, evidenciando uma visão de mundo presente na obra literária.

Palavras-chave: Milton Hatoum. História. Ficção. Cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
A CONTEXTUALIZAÇÃO DA REPRESSÃO NA DITADURA MILITAR BRASILEIRA (1964 – 1985)	11
A DÉCADA DE 1960 – REFLEXOS POLÍTICOS E CULTURAIS NO BRASIL	11
O GOLPE DE ESTADO	15
O ANO DE 1968.....	17
O DIALÓGO ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA NA OBRA “DOIS IRMÃOS,” DE MILTON HATOUM.....	21
A NARRATIVA CONTEMPORÂNEA NA SALA DE AULA.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por tema a narrativa brasileira contemporânea e os aspectos ficcionais e factuais que a envolvem e como título “A ficção e a História na obra “Dois irmãos”, de Milton Hatoum. O problema de pesquisa teve como pergunta: **Qual a importância de estudar a relação entre o factual e o ficcional, a partir da narrativa contemporânea?** O objetivo desta monografia foi analisar de que forma a História e a Literatura dialogam e como se dá a sua real aplicabilidade em sala de aula. Usando para tanto a obra “Dois irmãos”, de Milton Hatoum, procurando, a partir da narrativa brasileira contemporânea, exemplificar como um texto ficcional pode tratar de fatos históricos e analisá-los com um olhar crítico.

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, aquela que lida com as interpretações das realidades sociais, indo além das perspectivas que o objeto de estudo da pesquisa suscita, se estruturou em duas etapas: pesquisa bibliográfica, em que buscaram-se argumentos de autoridade nas leituras teóricas, seja em livros, artigos, periódicos, *internet*, entre outros, para constituir as bases teóricas no sentido de se aprofundar a respeito da obra de Hatoum; e o estudo comparativo, que foi a análise detalhada do *corpus*, com a finalidade de uma leitura em que História e Literatura sejam evidenciadas como linguagens imbricadas.

A presente monografia consta de três capítulos, assim denominados: o primeiro tem por título: **A contextualização da repressão na Ditadura Militar Brasileira (1964 – 1985)**; o segundo: **O diálogo entre a Literatura e a História na obra “Dois irmãos” de Milton Hatoum**; e o terceiro capítulo tem por título: **A narrativa contemporânea na sala de aula**.

No primeiro capítulo, procurou-se abordar toda a contextualização da Ditadura Militar, fazendo uma abordagem desde o seu surgimento até o seu fim, ao marcar aspectos de como foi o início da década de 1960, quando ocorreu o golpe militar. Para Maria Helena Simões Paes (1995), essa década está inserida na longa prosperidade do pós-guerra, o que levou a um acelerado crescimento não apenas econômico, mas também tecnológico. Fatos que atingiram tanto o mundo capitalista, quanto o mundo socialista. A Ditadura Militar, no Brasil, durou duas décadas (1964-1985) que foram marcadas por inúmeros acontecimentos, deixando um rastro de morte, torturas, repressão, não apenas física, mas também cultural.

Uma das classes mais perseguidas, durante esse regime, foi justamente a intelectual. No entanto, em termos gerais, a cultura brasileira não deixou de criar e se espalhar por todo o país, tendo como instrumento de denúncia a arte, que alocava em sua composição a situação vigente que o Brasil passava. De acordo com Flora Süssekind (2004), durante o período da Ditadura Militar, a censura foi uma espécie de “mão dupla”, uma vez que tudo era explicado em função do aparato repressivo do Estado autoritário.

No capítulo segundo, fez-se uma análise da obra “Dois irmãos”, de Milton Hatoum, objeto de estudo, procurando contextualizar como a História e a Literatura dialogam e de que maneira a ficção brasileira contemporânea reflete fatos históricos do período ditatorial. A obra “Dois irmãos” relata a história de uma família de imigrantes libaneses que residem em Manaus, enfocando principalmente a conturbada relação dos irmãos gêmeos Yaqub e Omar e as relações de ambos com a família, além da história de Nael, narrador do livro, e sua mãe, empregada da família. Em toda a obra, Milton Hatoum trabalha com fatos que correspondem à história do mundo e do Brasil, encontram-se, por exemplo, fatos relacionados ao final da Segunda Guerra Mundial, à construção de Brasília, à Ditadura Militar, ao crescimento das grandes metrópoles, como São Paulo.

Segundo Edward Said (1995), a evocação do passado é um fator de extrema importância na interpretação do presente, pois a partir de sua existência e de sua repercussão, no presente, permite estabelecer estratégias para melhor compreensão do que significa esse passado no presente contemporâneo.

A metaficção historiográfica surge como arte representativa, a partir do século XX. Nessa espécie de narrativa, os elementos estruturais básicos, como tempo, espaço, narrador e personagens, recebem tratamento diferenciado do que recebem no romance tradicional. Os protagonistas, por exemplo, não podem ser tipos propriamente ditos, mas, segundo Linda Hutcheon “os ex-cêntricos, os marginalizados, as figuras periféricas da história ficcional” (1991, p. 58). É, assim, que se destacam, na narrativa, diversos discursos, a descentralização do sujeito, instaurando, dessa forma, a polifonia no discurso narrativo.

No terceiro e último capítulo, procurou-se abordar como deve ser a relação entre leitura literária e ensino, principalmente a efetiva prática de leitura e análise de textos literários brasileiros contemporâneos. Para tanto, usou-se a obra “Dois irmãos”, como possibilidade de se estabelecer em sala de aula o imbricamento do

passado com o presente, objetivando uma leitura no presente, ao estreitar o ficcional com o factual.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de ensinar, em sala de aula, textos contemporâneos brasileiros a partir de uma abordagem histórica e literária. Pretende-se, a partir desta pesquisa, o desenvolvimento de uma nova forma de ensino em sala de aula por meio da leitura e da análise de textos ficcionais contemporâneos, proporcionando aos discentes um olhar crítico a respeito do contexto político, social e cultural do Brasil e suas imbricações no cotidiano vivenciado por eles.

1 A CONTEXTUALIZAÇÃO DA REPRESSÃO NA DITADURA MILITAR BRASILEIRA (1964 – 1985)

Abra-se meio ao acaso o “Abismo de rosas” de Dalton Trevisan. É possível que numa frase como “Os vagalumes riscam fósforos à procura da chave da porta”, lida num de seus contos, sequer detenha o olhar do leitor apressado. É possível, no entanto, para quem igualmente tateia em meio ao vivido, às próprias lembranças geracionais, ao que ainda não constitui capítulo obrigatório dos livros de História (literária ou não), identificar-se de repente a tais vagalumes (ORTIZ, 1989, p. 22).

1.1 A DÉCADA DE 1960 – REFLEXOS POLÍTICOS E CULTURAIS NO BRASIL

Para que se fale a respeito da década de 1960, antes de tudo, é interessante falar do cenário mundial. Ressaltar quais eram os principais acontecimentos, em termos globais, que estavam surgindo naquela época e quais os principais reflexos deles aqui no Brasil.

Segundo Maria Helena Simões Paes (1995), a década de 1960 está inserida na longa prosperidade do pós-guerra. Em que aconteceu um ritmo acelerado de crescimento econômico e desenvolvimento tecnológico, que atingiu não apenas o mundo capitalista,¹ mas também o socialista.²

Ainda segundo Paes (1995), a prosperidade dessa década veio principalmente para os países desenvolvidos, trazendo um grande crescimento de bens materiais e culturais, denominado sociedade de consumo, que se caracterizou não apenas pelo elevado padrão de se consumir e do avanço tecnológico, mas também pela burocratização que se estendia por toda a vida social. A essa vida social, consolidou-se a cultura de massa.³

Todos esses fatos da década de 1960 foram marcados por inúmeros acontecimentos, como, por exemplo, a chegada do homem à lua, o ápice da corrida

¹ É o sistema sócioeconômico em que os meios de produção (terras, fábricas, máquinas, edifícios) e o capital (dinheiro) são propriedades privadas, ou seja, têm um dono. Teve origem na passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Surgiu com a burguesia, a partir do renascimento urbano e comercial dos séculos XIII e XIV.

² É um sistema político-econômico criado no século XIX para confrontar o liberalismo e o capitalismo. Propõe a extinção da propriedade privada dos meios de produção e a tomada do poder por parte do proletariado e controle do Estado e divisão igualitária da renda.

³ Denominada também de “indústria cultural”. Criada com um objetivo específico, atingir a massa popular, maioria no interior de uma população, transcendendo, assim, toda e qualquer distinção de natureza social, étnica, etária, sexual ou psíquica. Todo esse conteúdo é disseminado por meio dos veículos de comunicação de massa.

nuclear, o avanço da tecnologia, a Guerra Fria,⁴ a construção do Muro de Berlim,⁵ a Revolução Cubana⁶ (1959), entre outros.

Segundo Paes (1995) é importante ressaltar um fato constante dessa década: contestação e rebelião. Muitos estudantes, em todo o mundo, em desacordo com o sistema político, autoritário, saíam em movimentos contra esses abusos. Para inspiração de grande parte desses movimentos estava o pensamento de Herbert Marcuse,⁷ que criticava a sociedade industrial desenvolvida, afirmando que essa sociedade era totalmente “irracional” e, mesmo aparecendo como “personificação da razão”, era autoritária. Dizia ainda que a tecnologia garantia muitas situações, inclusive a “racionalização da não liberdade do homem”.

Assim:

[...] numa sociedade onde o aparato tecnológico garante as comodidades da vida e o aumento da produtividade, esse mesmo aparato não pode ser contestado; questioná-lo é questionar tudo o que ele propicia, o que parece irracional. Portanto, a liberdade de se opor e de pensar diferente é tida igualmente como irracional. (PAES, 1995, p. 21).

No Brasil, a década de 1960 tem seu início em meio a muitos acontecimentos. Em termos políticos, inicia-se com a posse do presidente Jânio Quadros, em 1961, que teve como principal promessa de campanha “varrer” a corrupção, a inflação e o comunismo. Jânio adotou, em seu governo, uma política econômica austera e uma política externa independente, o que fez com que perdesse sua base de apoio político e social.

⁴ Foi uma disputa ideológica entre Estados Unidos e União Soviética, que transcorreu a partir do fim da Segunda Guerra Mundial (1945) e findou em 1991, com o fim da União Soviética. O principal objetivo era a difusão dos sistemas político-econômicos existentes, de um lado o capitalismo, liderado pelos Estados Unidos; e, do outro, o socialismo, liderado pela União Soviética. Os dois eram as duas maiores potências mundiais que constituíam o mundo bipolar.

⁵ Construção erguida em 1961 pelo regime socialista da extinta República Democrática Alemã. Tinha por objetivo a separação das duas áreas da cidade de Berlim, que, na época, era dividida em um setor capitalista e outro socialista. Essa construção se deu com o fim da Segunda Guerra Mundial, com a derrota da Alemanha e sua, consequente, ocupação pelas forças aliadas. De um lado, Estados Unidos, França e Inglaterra, com o regime capitalista; do outro, a União Soviética, com o regime socialista.

⁶ Movimento popular que derrubou o governo do presidente Fulgêncio Batista, em janeiro de 1959. Com o processo revolucionário foi implantado em Cuba o sistema socialista, com o governo sendo liderado por Fidel Castro.

⁷ Nasceu em Berlim, filho de pais judeus. Foi filósofo da Escola de Frankfurt e professor da Universidade de Berkeley (EUA). Por causa do governo nazista, em 1933, saiu da Alemanha e foi para os Estados Unidos, onde trabalhou no serviço de espionagem contra a Alemanha. Marcuse criticava tanto os países comunistas quanto os países capitalistas, por suas falhas no processo democrático: nenhum dos dois tipos de sociedade foi capaz de dar igualdade de condições para seus cidadãos.

Na área econômica brasileira, Jânio se deparou com uma crise forte, devido à alta inflação, o *deficit* da balança comercial e o crescimento da dívida externa. Porém, foi em termos de política externa que o presidente conseguiu maior oposição ao seu governo. Acontecimentos, como, por exemplo, a nomeação de Afonso Arinos⁸ para o Ministério das Relações Exteriores, relações diplomáticas do Brasil com a União Soviética, condecorações oferecidas pelo próprio Jânio Quadros a Ernesto Che Guevara⁹ e Yuri Gagarin¹⁰ e a vinda de Fidel Castro¹¹ ao Brasil. Após sete meses de mandato, Jânio estava isolado política e socialmente, o que o levou a renunciar em 25 de agosto de 1961.

Após a renúncia de Jânio Quadros, alguns militares tentaram vetar a vinda ao poder de João Goulart (Jango), vice de Jânio. E como se não bastassem as acusações que militares e udenistas lhe faziam há anos, no momento em que Jânio Quadros renunciou, João Goulart estava na China Comunista. Embora se tratasse de uma visita oficial, eram tempos de Guerra Fria e Jango sempre fora visto como o “líder da República Sindicalista”, um comunista¹² travestido de democrata.¹³

O Congresso Nacional, no entanto, negou-se a vetar a posse de Jango. O General Augusto Lopes, chefe do 3º Exército (com sede no Rio Grande do Sul), instigado pelo então governador Leonel Brizola, declarou-se disposto a pegar em armas para garantir o cumprimento da Constituição.

A crise foi contornada com a criação de uma comissão no Congresso, que propôs a diminuição dos poderes do novo presidente e a adoção de um regime

⁸ Jurista, político, historiador professor, ensaísta e crítico brasileiro. Destacou-se pela criação da Lei Afonso Arinos contra a discriminação racial. Ocupou a cadeira nº 25 da Academia Brasileira de Letras.

⁹ Formado em Medicina, revolucionário e líder político latino americano. Um dos ideólogos e comandantes da Revolução Cubana em 1953-1969.

¹⁰ Cosmonauta soviético e o primeiro homem a viajar pelo espaço.

¹¹ Foi presidente de Cuba por 49 anos (1959 – 2008). Liderou a revolução cubana (1959), que tinha caráter nacionalista e socialista. Após a revolução, implantou o regime socialista em Cuba, que acabou com a desigualdade social entre os cidadãos cubanos. Após a Guerra Fria e com o fim dos regimes socialistas, Cuba começou a passar dificuldades sem os investimentos soviéticos. Em 2008, por motivos de saúde, Fidel Castro passou a presidência de Cuba e a chefia do partido Comunista Cubano ao seu irmão Raúl Castro.

¹² Doutrina ou ideologia (propostas sociais, políticas e econômicas) que visa a criação de uma sociedade sem classes sociais. De acordo com essa ideologia, os meios de produção (fábricas, fazendas etc.) deixariam de ser privados, tornam-se públicos. No campo político, defende a ausência do Estado.

¹³ Uma forma de governo do povo e para o povo. Existem várias formas de democracia, no entanto, as mais comuns são: direta (o povo decide diretamente, por meio de plebiscito, referendo ou outras formas de consultas populares, assuntos políticos ou administrativos do Estado; e indireta (o povo decide indiretamente por meio do voto elegendo os seus representantes).

parlamentarista.¹⁴

João Goulart volta ao Brasil, em 31 de agosto de 1961, e, no aniversário da Independência, sete de setembro, toma posse em Brasília. A situação estava parcialmente resolvida. Tancredo Neves¹⁵ (1910 – 1985) foi nomeado Primeiro Ministro do novo regime.

No ano seguinte, 1962, Tancredo Neves renuncia e uma nova crise se configura, quando Jango decide nomear San Tiago Dantas¹⁶ (favorável ao afastamento dos Estados Unidos e à aliança com nações socialistas), embaixador do Brasil, na ONU,¹⁷ porém, com a renúncia de Jânio três dias depois, não pode assumir o cargo.

O cargo destinado a San Tiago Dantas é ocupado pelo gaúcho Brochado da Rocha,¹⁸ do PSD. Acontece um plebiscito em janeiro de 1963, quando o povo brasileiro dá ampla vitória ao presidencialismo (9 milhões de votos) sobre o parlamentarismo (2 milhões de votos). Só então, João Goulart vira presidente de fato.

O retorno do sistema presidencialista não representa tranquilidade para Goulart, assumindo um controle de um país cada vez mais polarizado e inquieto: a esquerda sempre o pressionava para que tivesse reformas sociais imediatas; da outra parte, Carlos Lacerda¹⁹ (1914 – 1977), os generais Olímpio Mourão²⁰ (1900 –

¹⁴ Uma forma de governar, em que quem governa é o parlamento, composto de representantes escolhidos pelo povo para deliberar e votar as leis de um país. Nesse sistema, o chefe de governo é distinto do chefe de Estado. Assim, o governo se concentra na figura do Primeiro Ministro e o chefe de Estado é o presidente ou monarca.

¹⁵ Nasceu em São João Del Rei – MG. Diplomou-se em Direito pela Universidade de Minas Gerais, iniciou a carreira política em 1933, quando se filiou ao Partido Progressista. Foi vereador, deputado e ministro da justiça e primeiro ministro. Após 20 anos de regime ditatorial, foi eleito o primeiro presidente civil. Porém, ficou doente e foi internado na véspera de sua posse, vindo a falecer em seguida.

¹⁶ Francisco Clementino de San Tiago Dantas nasceu no Rio de Janeiro. Foi advogado, jornalista e professor. Integrante da Ação Integralista Brasileira (AIB) de 1932 a 1938. Foi assessor pessoal de Getúlio Vargas, contribuindo com a preparação do anteprojeto de criação da Petrobrás e do projeto de Criação da Rede Ferroviária Federal. Foi deputado federal e ministro de relações exteriores.

¹⁷ Organização das Nações Unidas, constituída por governos da maioria das nações do mundo. Seu principal objetivo é criar e colocar em prática mecanismos que possibilitem a segurança internacional, desenvolvimento econômico, definição de leis internacionais, respeito aos direitos humano e o progresso social.

¹⁸ Foi advogado, secretário de educação do Rio Grande do Sul, deputado, consultor geral da República, chefe da Secretaria de Segurança do Rio Grande do Sul. Participou ativamente da Revolução de 30, integrando a brigada militar que, no dia três de outubro de 1930, atacou o quartel-general do Exército na capital gaúcha.

¹⁹ Jornalista e político brasileiro. Foi membro da União Democrata Nacional (UDN), vereador, deputado federal e governador. Em 1949 fundou o jornal Tribuna da Imprensa.

²⁰ Militar brasileiro que participou ativamente do movimento integralista e do golpe militar de 1964. Foi o redator do Plano Cohen. Entre 1967 e 1969 foi presidente do Superior Tribunal Militar.

1972) e Costa e Silva²¹ (1899 – 1969) impunham freio no sentido de que as reformas sociais não podiam acontecer como queria o pensamento esquerdista.

A sociedade civil brasileira estava dividida, mas organizada: se os trabalhadores tinham o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), os empresários criaram o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), um dos núcleos civis do golpe de 64.

Todo o ano de 1963 foi tumultuado para o governo Goulart. De janeiro a julho de 1963, sob o comando do ministro Celso Furtado²² (1920 – 2004), é colocado em prática o Plano Trienal, fundamentado nas “reformas de base”. Greves estouram pelo país e, para pressionar o congresso a aprovar as reformas, Jango decide realizar um enorme comício no Rio de Janeiro, no início de 1964. Precisamente no dia 13 de março e, ao fazê-lo, decreta o começo do fim de seu governo.

Com a derrubada do governo de João Goulart, instaura-se a Ditadura Militar, que marcou o período entendido como Velha República, no Brasil, tendo iniciado no dia primeiro de abril de 1964, mas, por motivos vinculados ao folclore da pátria e seus usos e costumes, essa data foi recuada para 31 de março.

1.2 O GOLPE DE ESTADO

O golpe de Estado, ocorrido no “dia da mentira”, passou a ser conhecido como a Revolução de Março ou Revolução de 64. Seu término dá-se vinte anos depois, em 1984, com a eleição indireta, realizada pelo Congresso Nacional, de Tancredo Neves para a presidência da República. Nessa ocasião, o eleito não tomou posse e, em seu lugar, assumiu o vice-presidente José Sarney, ex-presidente do partido que dava sustentação parlamentar ao antigo regime, substituindo o General João Batista de Oliveira Figueiredo, último presidente do chamado ciclo autoritário.

As relações entre a nova ordem, impostas a partir de 64, foram marcadas por tensões e conflitos, acentuados por períodos distintos:

²¹ O segundo presidente do regime militar. Seu governo iniciou a fase mais dura e brutal do regime ditatorial.

²² Economista e um dos mais destacados do país ao longo do século XX. Suas ideias a respeito do desenvolvimento e do subdesenvolvimento divergiram das doutrinas econômicas dominantes em sua época e estimularam a adoção de políticas intervencionistas a respeito do funcionamento da economia.

- ✓ de 1964 até a promulgação do Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968;
- ✓ de 1968 até 1974, ano da posse do general Ernesto Geisel, sucessor do general Emílio Médici, cujo governo foi considerado como um dos mais cruéis da história republicana;
- ✓ e o período caracterizado como uma “distensão lenta, segura e gradual” até 1984, ano da eleição indireta para presidente da República pelo Congresso Nacional (eleição de Tancredo Neves).

Até 1968, houve certa liberdade inclusive para a produção intelectual engajada. O primeiro governo estabelecido após 1964, o do general Castelo Branco, tinha, por um lado, a estratégia expansionista (o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa), destacando a televisão, e, por outro, até liberal com relação à arte de protesto e à intencionalidade de esquerda, desde que não entrasse em contato com as camadas populares.

Segundo Roberto Schwarz (1978), as pessoas que foram presas e torturadas, durante o período ditatorial, foram justamente aquelas que mantinham contato com operários, camponeses, entre outros, uma vez, que a ligação entre o movimento cultural e as massas havia sido cortada. Assim:

Torturados e longamente presos foram somente aqueles que haviam organizado o contato com operários, camponeses, marinheiros e soldados. Cortadas naquela ocasião as pontes entre o movimento cultural e as massas, o governo Castelo Branco não impediu a circulação teórica ou artística do ideário esquerdista, que embora em área restrita floresceu extraordinariamente (SCHWARZ, 1978, p. 25).

Industrialização e modernização tecnológica concentrada, predomínio das grandes empresas monopolistas, proletarização de parcelas cada vez maiores da população, urbanização caótica, disseminação da sociedade de consumo em um país onde a maioria da população sofre de subnutrição econômica, durante a década de 1970. Sob o regime da Ditadura Militar, acelera-se o desenvolvimento capitalista brasileiro em todos os campos e se consolida a integração do Brasil ao sistema capitalista monopolista internacional, como país associado e periférico.

A Ditadura Militar, iniciada em 1964, desempenha papel importante neste processo, expressando a dominação política de classe naquele momento.

Há, portanto, a partir de 1964 uma ação restrita. Para as “massas”, um novo

interlocutor: a televisão, com a expansão nacional das redes de televisão concedidas pelo Estado. E qual é o significado dessa expansão? A certeza de um controle social efetivo em cada casa que possuísse o seu aparelho transmissor. E o desenvolvimento de outra estratégia, rapidamente assimilada pelo gosto popular: a do espetáculo.

O regime militar, implantado a partir de 1964, centralizou todo o poder e todas as decisões no executivo, governado na base dos atos institucionais, decretos leis e constituição outorgada. Foram suspensas as eleições diretas para governadores e presidente da República. Foram fechados os partidos existentes e criado, por decreto, o bipartidarismo – Arena (Aliança Renovadora Nacional) e MDB (Movimento Democrático Brasileiro).

1.3 O ANO DE 1968

O ano de 1968 – ano de contestações sociais, políticas e culturais em várias partes do mundo – assistiu à eclosão de um amplo movimento social de protesto e de oposição à ditadura, com destaque para o movimento estudantil e a retomada do movimento operário no Brasil com as greves dos metalúrgicos de Osasco (São Paulo) e Contagem (Minas Gerais).

Convém ressaltar que o segundo governo militar foi o de Costa e Silva, período de 1967 – 1969, que reagiu de forma truculenta às manifestações estudantis e operárias.

A criação do Ato Inconstitucional nº 5 – AI-5 – permitiu fechar o Congresso Nacional por tempo indeterminado, cassar mandatos, suspender por dez anos os direitos políticos de qualquer cidadão, demitir ou aposentar qualquer funcionário público civil ou militar e estender a censura prévia à imprensa e aos meios de comunicação.

Com o AI-5, seguiu-se o decreto nº 477 de repressão aos estudantes, enfim, a Ditadura Militar completava o fechamento político em meio a um rastro de violências e prisões, torturas e mortes. Meses depois, o governo da Junta Militar, após o afastamento do general Costa e Silva, por doença, baixou ainda uma série de novos atos institucionais que decretavam a pena de morte, a prisão perpétua e o banimento político, alegando o recrudescimento das ações da luta armada das

organizações de esquerda.

O Congresso foi reaberto, dez meses depois, sem 94 parlamentares cassados, com a finalidade de ratificar a escolha previamente feita pela cúpula militar do general de “linha dura”, Garrastazu Médici para presidência da República, no período de outubro/1969 a março/1974.

O governo Geisel, iniciado em 1974, com um projeto de “distensão” ou “abertura política” combinava a manutenção dos principais mecanismos de repressão e controle com a progressiva institucionalização do regime. Isto é, ao mesmo tempo em que continuava usando – e fartamente – o AI-5, a Lei de Segurança Nacional, o aparelho repressivo, promovia algumas reformas políticas nas instituições do poder, como a reordenação do papel do Congresso e dos partidos e a reformulação da legislação autoritária, substituindo progressivamente os chamados “atos de exceção” por outras leis que mantinham o conteúdo principal da dominação política.

Entre os militares, este projeto, definido pelo grupo “castelista” (do qual faziam parte Geisel e Golbery do Couto e Silva), não tinha apoio unânime, encontrando resistências no grupo da “linha dura” para o qual a Ditadura Militar devia se manter inalterada “em nome da Segurança Nacional”.

É sabido que, nos bastidores do poder, os embates entre “castelistas” e “duros” foram travados em, pelo menos, duas ocasiões, como nos assassinatos sob torturas dos presos políticos Vladimir Herzog²³ e Manoel Fiel Filho²⁴ e na sucessão presidencial de Geisel por Figueiredo.

Entre 1970 e 1980, o proletariado brasileiro cresceu: de aproximadamente 7,7 milhões passou para 14,3 milhões, representando 33% do PEA (população economicamente ativa). E as feições da cidade já apresentavam um sinal do que estaria acontecendo. As cidades incharam, crescendo de forma desordenada para o alto e para os lados. As metrópoles foram o palco principal dos mais diversos movimentos sociais, que expressaram não só a insatisfação popular reinante, mas, principalmente, o profundo impacto dessas e de outras transformações ocorridas nos anos de 1970 e ainda presentes em 1980, centradas nas experiências de vida dos agentes desses movimentos e na forma como se expressavam.

²³ Nasceu em Osijek, Iugoslávia, imigrou para o Brasil em 1942. Foi jornalista e professor da USP (Universidade de São Paulo).

²⁴ Nasceu Quebrangulo, Alagoas. Era operário metalúrgico.

Torna-se importante destacar que a produção cultural nos anos da ditadura (1964–1984), marcada pelo clima de censura e repressão, de vigilância permanente, era dirigida principalmente contra o pensamento crítico e inovador que não se submetia à ideologia dominante.

Se, por um lado, a produção cultural foi influenciada por esse clima de terror que atravessava a década de 1970, chegando aos anos de 1980, com maior ou menor peso, provocando a autocensura, a introspecção e, às vezes, a paralisia (situação a que muitos chamam de “vazio cultural”), por outro lado, apresentava manifestações significativas de resistência e, principalmente, de busca de novas linguagens e novas formas de criação. Ao incorporar as mais modernas técnicas de produção fornecidas pela expansão dos meios de comunicação e pelos incentivos governamentais, as grandes empresas nacionais e internacionais monopolizaram o crescente mercado de bens culturais.

Em suma, o processo chamado de “abertura lenta, gradual e segura” estabeleceu-se no período iniciado do governo de Geisel (1974 – 79) e continuou no de Figueiredo (1979 – 85). No seu conjunto, a classe dominante manteve a sua hegemonia e o seu desdobramento viria a ser chamado “Nova República”, em 1985 (eleição indireta de Tancredo Neves e o governo Sarney – 1985-89).

Segundo Flora Süssekind (2004), a censura, durante o período da Ditadura Militar, foi uma espécie de “mão dupla”, pois tudo era explicado em função do aparato repressivo do Estado autoritário, que era exercido pelos militares, e a literatura tinha a função “parajornalística”, já que nos jornais e nos meios de comunicação de massa a informação era sempre controlada. Dessa forma, eram trazidas respostas diretas ou indiretas. A produção literária era tratada como se o grande interlocutor fosse apenas a censura. Esquecendo, assim, do diálogo que mantém, ao mesmo tempo, com a tradição e com o público.

Como pode ser observado no trecho a seguir:

Raramente se pergunta, por exemplo, por que a preferência por estas duas faces do realismo (mágico ou jornalístico), por uma literatura superpovoada de pistas alegóricas e obcecada pela referencialidade, e não por uma linguagem menos “figurada” e mais ficcional, e cujas eclipses poderiam responder de modo talvez mais crítico aos silêncios impostos pelo regime autoritário (SÜSSEKIND, 2004, p. 18).

Assim, de acordo com Süssekind (2004), a literatura de maior sucesso foi a

“literatura verdade” de muitos autores, como, por exemplo, João Antônio, Ivan Ângelo, Fernando Gabeira, Bernardo Vilhema, João Cabral de Melo Neto, dentre outros, pertencentes à denominada “geração mimeógrafo”,²⁵ que tinham, em um momento, uma linguagem cifrada, cheias de imagens, barroca; em outro, uma literatura descritiva, naturalista, jornalística.

Em termos gerais, a cultura brasileira não deixou de criar e se espalhar por todo o país, tendo como instrumento de denúncia a arte, que alocava em sua composição a situação vigente pela qual o Brasil passava. No capítulo seguinte, será feita uma abordagem de como a História e a Literatura dialogam e de que modo a ficção brasileira contemporânea reflete fatos históricos do período ditatorial como forma de olhar o presente com os olhos de um passado de tristes memórias.

²⁵ Movimento brasileiro que ocorreu durante a década de 1970 em função da censura imposta pela ditadura militar. Esse movimento levou intelectuais, professores e artistas a buscarem meios alternativos de difusão cultural. Assim chamada devido ao mimeógrafo, a tecnologia mais acessível na época.

2 O DIALÓGO ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA NA OBRA “DOIS IRMÃOS” DE MILTON HATOUM

Para que se entenda a História e a Literatura como linguagens imbricadas, é necessário que se defina o conceito de cada uma. Segundo os estruturalistas russos a Literatura pode ser considerada como a arte de escrever com uma determinada linguagem específica; enquanto que a História relata os fatos ocorridos, referentes à humanidade. É interessante salientar que tanto a Literatura quanto a História têm como unidade básica a palavra. A História e a Literatura são muito próximas, caminham lado a lado, porém a proximidade existente entre ambas é muito tênue.

A relação entre Literatura e História existe há bastante tempo. Na Idade Antiga, por exemplo, as epopeias eram narradas a partir dos feitos de heróis e estavam cheias de passagens fictícias. Outro exemplo pode ser visto na obra “Ilíada”, de Homero, que fala a respeito da guerra de Troia. Essa narrativa era impregnada de imbricamento entre literatura e história, que eram unidas para possibilitar a informação, tendo como veículo a arte.

A Literatura é produção humana, dessa forma, estabelece relação com a realidade externa, uma vez que o autor faz uma leitura própria dessa realidade, evidenciando, assim, uma visão de mundo particular referente à realidade interna da obra, quando a exterioriza artisticamente.

Segundo Letícia Malard (2006), essa relação que existe entre a História e o romance permite uma nova compreensão das ligações entre a realidade e a imaginação. Assim, na contemporaneidade, a relação entre ficção e história, também, se faz presente.

O relacionamento história e romance, tal como compreendido por aqueles que o fazem, podem levar-nos a uma nova compreensão das imbricações entre realidade e imaginação, entre factual e ficcional, quer no discurso histórico, quer no ficcional (MALARD, 2006, p. 115).

A metaficção historiográfica surge como arte representativa, a partir dos anos 60 do século XX. Nessa espécie de narrativa, os elementos estruturais básicos, como tempo, espaço, narrador e personagens, recebem tratamento diferenciado do que recebem no romance tradicional. Expressa, assim, na própria tessitura do enredo, a problematização autoconsciente que caracteriza a obra contemporânea.

Esse tratamento diferenciado é dirigido especialmente aos personagens. Os

protagonistas, por exemplo, da metaficção, não podem ser tipos propriamente ditos, mas, segundo Linda Hutcheon, (1991, p. 58) “[...] os ex-cêntricos, os marginalizados, as figuras periféricas da história ficcional”. É dessa forma que se ressaltam, na narrativa, diversos discursos, independentemente do gênero, da classe, da raça, da etnia, da educação a que pertence o enunciador. Assim, diz respeito a um procedimento que visa à descentralização do sujeito, de forma a instaurar polifonia no discurso narrativo.

Ainda segundo Hutcheon (1991) essa descentralização não corresponde a um processo em que o discurso do centro é substituído por um da margem. Se assim o fosse, corresponderia a uma simples troca de posições e não garantiria a relevância de perspectivas diferentes na narrativa, porque por outro discurso se tonaria central. Por isso, o que ocorre é que:

[...] o pós-modernismo não leva o marginal para o centro. Menos do que inverter a valorização dos centros para a das periferias e das fronteiras, ele utiliza esse posicionamento duplo paradoxal para criticar o interior a partir do exterior e do próprio interior (HUTCHEON, 1991, p. 98).

Assim, na narrativa, diversos pontos de vista tornam-se importantes, pois compensam as limitações existentes em torno de uma única perspectiva central de um determinado fato ou acontecimento. Nas relações entre narrativa histórica e narrativa literária, o que se observa é que a presença da realidade histórica no texto literário contemporâneo ocorre geralmente em conformidade com as novas perspectivas para a narrativa histórica; em que é considerada não somente a necessidade de ir mais que a simples narração dos fatos e dos acontecimentos do passado, mas analisar as estruturas aderentes a eles: o como e o porquê. Ou seja, uma forma de argumentação contextualizada para a explicação histórica.

A metaficção historiográfica, por exemplo, mantém a distinção de sua auto-representação formal e de seu contexto histórico, e ao fazê-lo problematiza a própria possibilidade de conhecimento histórico, porque aí não existe conciliação, não existe dialética – apenas uma contradição irresoluta (HUTCHEON, 1991, p. 142).

Assim, Linda Hutcheon (1991) afirma que a discussão a respeito da relação entre a arte e a historiografia é relevante para a poética do pós-modernismo, uma vez que a separação é tradicional, pois o historiador poderia falar a respeito daquilo

que aconteceu; enquanto que o poeta poderia falar acerca do que poderá acontecer.

Há o interesse cada vez maior dos historiadores pelas relações entre memória e História. Ao tratar da constituição destas, Júlio Pimentel Pinto considera que os caminhos teóricos a que se pode chegar à questão são muitos, mas todos lidam com estratégias distintas, com um problema central: “[...] o peso do passado nas representações feitas em torno dele, seus usos, suas conexões com o contexto – mesmo se não se reconhecerem diferenças entre texto e contexto – suas projeções políticas, sociais, intelectuais.” (1998, p. 290).

Assim, o passado, como temporalidade, é referência entre memória e História. O passado é matéria-prima da memória e da história, as quais são elaborações discursivas. Na Literatura, pode-se colocar isso em termos de narrativa (enunciado) e narração (enunciação); representação de um tempo em que as coisas aconteceram e outro tempo em que as coisas foram narradas.

Como forma de preservar o passado, a memória ignora o movimento do tempo, misturando-se ao presente, transformando-o, tornando-o mais confortável:

A invenção do passado constituiu uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez em outras formas (SAID, 1995, p. 33).

Dessa forma, Said (1995) ratifica que a evocação do passado é um fator de extrema importância na interpretação do presente, uma vez que, a partir de sua existência e de sua repercussão no presente, permite estabelecer estratégias para melhor compreensão do que significa esse passado no presente contemporâneo.

Portanto, a Literatura avança com relação à História, pois existe a descentralização do foco narrativo, o que permite a apresentação de vários pontos de vista. Assim, o fato ou o acontecimento real e histórico é apresentado por ângulos diferentes, o que permite a aproximação de sua totalidade.

É possível observar na obra “Dois irmãos”, de Milton Hatoum, *corpus* da pesquisa, a metaficção histórica, ao se evidenciar a presença de uma nova perspectiva histórica no texto literário. Notam-se, por exemplo, o contexto histórico da Segunda Guerra Mundial²⁶ (década de 1940), a euforia desenvolvimentista do

²⁶ Iniciada em setembro de 1939, considerada a maior catástrofe provocada pelo homem, envolve setenta e duas nações e foi travada em todos os cinco continentes (direta ou indiretamente), o

governo Juscelino Kubitschek²⁷ (anos de 1950) e aspectos do governo ditatorial (meados da década de 1960).

O romance “Dois irmãos” tem como centro do enredo a conturbada relação dos irmãos gêmeos, Yaqub e Omar, e suas relações com a mãe (Zana), o pai (Halim) e a irmã (Rânia). A história se passa na cidade de Manaus, na casa da família em um bairro próximo ao porto. Nessa mesma casa, moram: Domingas, a empregada dedicada, “Domingas serviu; e só não serviu mais porque a vi morrer” (HATOUM, 2006, p. 48) e seu filho Nael, cuja infância foi moldada pela condição de filho da empregada. A história é narrada em primeira pessoa, por Nael, “[...] muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo” (HATOUM, 2006, p. 23); é a partir do ponto de vista dele que o leitor entra em contato com os acontecimentos.

Aparentemente, a história gira em torno dos irmãos, mas, aos poucos, percebe-se que isso é apenas um pretexto para que o autor descubra a sua verdadeira identidade, pois sempre teve a sua vida marcada por um passado incerto, e sua paternidade, que acreditava estar entre um dos gêmeos. Percebe-se isso neste trecho: “Mas eu me lembro, sempre tive sede de lembranças, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia do rio” (HATOUM, 2006, p. 67).

Portanto, a busca de sua origem, de sua identidade é primordial para Nael:

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal de origem. É como esquecer uma criança dentro de um barco num rio deserto, até que uma das margens a acolhe. Anos depois, desconfiei: um dos gêmeos era o meu pai. Domingas disfarçava quando eu tocava no assunto; deixava-me cheio de dúvida, talvez pensando que um dia eu pudesse descobrir a verdade (HATOUM, 2006, p. 54).

O ambiente que forma o pano de fundo da história é o de imigrantes que se dedicam ao comércio. A narrativa apresenta avanços e recuos no tempo, sem uma cronologia linear. Dessa forma, aos poucos, o leitor vai tomando consciência de

número de mortos superou os cinquenta milhões, tendo ainda uns vinte e oito milhões de mutilados. Ocorreu em virtude da tentativa da efetivação dos regimes nazifascistas pelo mundo por seus principais líderes: Adolf Hitler e Benito Mussolini.

²⁷ Nasceu em Diamantina – MG. Formou-se em medicina em Belo Horizonte, fazendo curso de estágios complementares em Paris e Berlim. Foi chefe de gabinete do governador Benedito Valadares. Foi deputado e governador de Minas Gerais. Eleito presidente do Brasil com o slogan “Cinquenta Anos em Cinco”.

todos os problemas que envolvem a trama.

O início da história dá-se com a volta de Yaqub, que fora enviado ao sul do Líbano aos treze anos de idade, por ordem do pai, um ano antes da Segunda Guerra Mundial, no intuito de amenizar os atritos entre os irmãos. Omar, que sempre foi julgado frágil, pela mãe, fica no Brasil, confirmando, dessa forma, a proteção e o amor desmedido de Zana pelo caçula. A estadia de Yaqub no Líbano é recheada de mistérios, ele nunca fez nenhum comentário a respeito do tempo em que esteve fora, mas sempre demonstrou grande ressentimento por ter ido embora.

Não morei no Líbano, seu Talib. A voz começou mansa e monótona, mas prometia subir de tom. E subiu tanto que as palavras seguintes assustaram: “Me mandaram para uma aldeia no sul, e o tempo que passei lá, esqueci. É isso mesmo, já esqueci quase tudo: a aldeia, as pessoas, o nome da aldeia e o nome dos parentes. Só não esqueci a língua...” [...] “Não pude esquecer outra coisa”, Yaqub interrompeu o pai, exaltado. “Não pude esquecer...”, ele repetiu reticente, e se calou. [...] Só Yaqub permaneceu em baixo da seringueira. Ele e sua frase incompleta (HATOUM, 2006, p. 88-89).

Já no primeiro capítulo do livro, é possível verificar a relação que Hatoum faz com a História do Brasil: “O cais da praça Mauá estava apinhado de parentes de pracinhas e oficiais que regressavam da Itália [...] o pai lamentou a penúria em Manaus, a penúria e a fome durante os anos da guerra” (2006, p. 11). O trecho nos remete ao fim da Segunda Guerra Mundial, quando muitos soldados voltavam para casa, e ao sofrimento que tudo isso causou, a fome, por exemplo, que foi refletida em grande parte do país.

Após cinco anos longe da família, a volta de Yaqub marca a existência de um jovem calado e misterioso. “Por dentro, um misterioso e tanto: um ser calado que nunca pensava em voz alta” (HATOUM, 2006, p. 45). Porém, com todas as diversidades da vida, ele consegue se dedicar aos estudos e viajar para São Paulo. Onde forma-se em Engenharia Civil e casa-se misteriosamente, comunicando à família apenas por meio de um telegrama.

Enquanto o gêmeo mais velho alcançava sucesso, o caçula se perdia em bebedeiras, noitadas e sucessivos escândalos. A família o envia a São Paulo para que obtenha o mesmo sucesso que o irmão, lá ele descobre que Yaqub casou justamente com a jovem Lívia – paixão de ambos desde a infância e causadora de uma série de brigas entre os dois, inclusive a ida de Yaqub ao Líbano. Com a ajuda da empregada, entra na casa do irmão e faz desenhos obscenos no álbum de

casamento do casal; em seguida, rouba dinheiro e o passaporte de Yaqub e foge para os Estados Unidos, intensificando, dessa maneira, ainda mais os laços de inimizades entre os dois.

Após a morte de Halim, Omar faz amizade com Rochiram, um indiano que pretendia construir um hotel em Manaus. Zana, na tentativa de unir os filhos e desejando que eles abrissem uma construtora e trabalhassem juntos, escreve a Yaqub, que vai à cidade a negócios, mas não aceita a participação do irmão. Omar, ao descobrir, destrói o projeto e espanca Yaqub, pois se sente traído, mandando-o para o hospital. Não contente com tudo isso, o caçula vai escondido ao hospital, onde o irmão está internado, e tenta agredi-lo, fazendo com que o mais velho seja obrigado a retornar às pressas para São Paulo. Yaqub inicia uma verdadeira caçada ao irmão, que se encerra com a prisão de Omar por dois anos e sete meses de reclusão.

Rochiram, ao ver seus negócios fracassarem, exige que Rânia venda a casa em que vivem para pagamento das dívidas. Assim, onde era a casa da família, surge a casa Rochiram, uma loja de produtos importados de Miami e do Panamá. Nael fica com um pequeno quadrado no quintal, exigência de Yaqub, ao qual Rânia denominou de “herança”.

Durante todo o desenrolar da narrativa, Nael luta ao lado de sua mãe, ficando sem muito tempo para os estudos, sente-se explorado com isso, como ele mesmo fala “Na verdade, para Zana eu só existia como o rastro dos filhos dela” (HATOUM, 2006, p. 28). Juntando as suas dores do passado, seu único objetivo é descobrir a verdade a respeito do seu nascimento, e, somente após quase trinta anos, depois da morte de quase todos, é que ele parece ter motivos para ver os personagens.

Toda a narrativa tem sua estrutura por meio de recordações que surgem da memória do narrador personagem. A necessidade de Nael em descobrir o passado, para, assim, compreender a sua existência, faz com que ele transforme os pedaços de sua memória em palavras, como pode ser observado:

Naquela época, tentei, em vão, escrever outras linhas. Mas as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento; permanecem soterradas, petrificadas, em estado latente, para depois, em lenta combustão, acenderem em nós o desejo de contar passagens que o tempo dissipou. E o tempo, que nos faz esquecer, também é cúmplice delas. Só o tempo transforma nossos sentimentos em palavras mais verdadeiras [...] (HATOUM, 2006, p. 183).

É possível observar na obra “Dois irmãos” uma marcação temporal no pós-guerra (1945), época em que Manaus ainda conservava um ar pacato e provinciano, sendo que o polo de desenvolvimento estava em São Paulo, ou seja, o progresso. Exatamente por isso que o professor de Yaqub, padre Bolislau, o aconselha a deixar Manaus e seguir para São Paulo. “Naquela época Yaqub e o Brasil inteiro pareciam ter um futuro promissor” (HATOUM, 2006, p. 33). O gêmeo mais velho parte para São Paulo em 1950, década que é marcada pela euforia desenvolvimentista do governo de JK.

A obra “Dois irmãos” reflete a natureza crítica da metaficção historiográfica, assim, a realidade histórica é posta em questão, de modo reflexivo. Nesta obra, a questão da Ditadura Militar (1964-1985), que atingiu, dentre outras classes, a intelectual, é trazida à discussão, no decorrer da narrativa. Aparece por meio do professor Antenor Laval, por exemplo:

Na primeira semana de janeiro de 64 Antenor Laval passou em casa para conversar com Omar. O professor de francês estava afobado, me perguntou se eu havia lido os livros que me emprestara [...] Minha mãe se assustou ao vê-lo tão abatido, um morto-vivo, a expressão aflitiva de um homem encurralado. [...] Os dois saíram apressados e Omar só voltou na madrugada do dia seguinte, quando Zana estranhou a sobriedade do filho, alguma coisa que ele escondia ou inquietava [...] Antes de almoçar pediu dinheiro à irmã. Era bem mais do que costumava pedir, um dinheirão que Rânia se recusou a dar. [...] Ele ainda insistiu, sem o cinismo habitual, sem os gestos de sedução que a desmanchavam (HATOUM, 2006, p. 139).

No trecho descrito, percebem-se os indícios de um período que estava prestes a acontecer no país. Este foi o ano do golpe militar promovido pelo Exército Brasileiro, quando Laval, personagem do livro, procura Omar, também personagem do livro, já está passando por alguns problemas, porém só mais na frente esses fatos são revelados. Na história do país, esse início de ano é um período muito delicado, período este que se inicia desde o começo da década de 1960. No trecho destacado, já se evidencia como era a situação que veio a perdurar por aproximadamente duas décadas.

Linda Hutcheon (1991) afirma ainda que a metaficção historiográfica diz que a verdade e a falsidade podem não ser os termos corretos para discutir a ficção, pois a ficção e a história são narrativas que se diferenciam pelas suas estruturas, ou seja, não existe apenas uma verdade, mas verdades no plural; e a falsidade dificilmente exista, e sim as verdades alheias.

Em “Dois irmãos”, é possível identificar fatos históricos que por si só dizem a verdade dos acontecimentos, como pode ser observado a seguir:

Estranhei que Laval não tivesse me convidado para participar da leitura de poesia. Depois, em março, ele faltou às primeiras aulas e só apareceu na terceira semana do mês. Entrou na sala com uma expressão mais abatida do que quando o vira em casa, o paletó branco cheio de nódoas, os dedos da mão esquerda e os dentes amarelados de tanto fumar. “Desculpem-me, estou muito indisposto”, disse em francês. “Aliás, muita gente está indisposta”, murmurou, agora em português. Mal se equilibrava de pé. A mão direita, trêmula, segurava um pedaço de giz, a outra um cigarro. Esperávamos a “preleção” de costume, uns cinquenta minutos que dedicava ao mundo que envolvia o poeta. Tinha sido sempre assim: primeiro o cerco histórico, ele dizia, depois uma conversa, por fim a obra. Era o momento em que ele falava em francês, e nos provocava, fazia perguntas, queria que falássemos uma frase, que ninguém ficasse calado, nem os mais tímidos, opiniões diferentes, opostas, ele seguia todas as vozes, e no fim falava ele, argumentava animado, lembrando-se de tudo, de cada absurdo ou intuição ou dúvida. Mas naquela manhã ele não fez nada disso, não conseguia falar, estava engasgado, que droga, parecia sufocado. Estávamos boquiabertos, nem os mais ousados e rebeldes conseguiram provocá-lo fazendo uma careta medonha por cauda do bafo dele. “Vamos ver... vamos... ler alguma coisa... traduzir...” [...] O professor de francês não voltou mais ao liceu, até que numa manhã de abril nós presenciamos sua prisão (HATOUM, 2006, p. 141-142).

No trecho destacado, é possível observar situações que correspondem à história do Brasil, um fato bem marcante como a Ditadura Militar (1964-1984). Mesmo os acontecimentos relativos ao personagem professor Laval existirem a nível ficcional, não se pode ignorar que tais fatos dizem respeito a uma realidade vivenciada nos anos de governo ditatorial e, que durante o regime ditatorial, muitas pessoas desapareciam, eram levadas para prestar depoimentos e depois, assim como o personagem do livro, não voltavam mais e sem nenhuma explicação plausível para tal acontecimento. Uma das classes mais perseguidas durante esse sistema foi justamente a intelectual, por não concordar com os desmandos que o governo cometia. Assim, como também no *corpus* da pesquisa, relata exatamente a prisão e em seguida a morte de um professor, porém, ele não era apenas um professor, mas acima de tudo um poeta que, em seus poemas, retratava os desmandos cometidos. Além disso, ele ainda distribuía esses poemas aos alunos, dessa forma, também estava incentivando as crianças a enxergarem bem mais longe.

Letícia Malard (2006) afirma que o relacionamento entre História e romance, quando compreendido por quem os cria, pode nos levar a um melhor entendimento

das proximidades entre a realidade e a imaginação, ou seja, entre o que é fato e o que é ficção, tanto no discurso histórico quanto no literário. Assim: “O que eu gostaria de pensar, modestamente, é que o romance histórico não pode ser lido como História, da mesma forma que elementos literários no texto histórico não o transformam em literatura” (MALARD, 2006, p. 86). Ou seja, é preciso que se entenda o que é Literatura e o que é História, podendo sim as duas ser imbricadas. Ter fatos históricos em textos literários não necessariamente afirma que o texto deixou de ser literatura, e sim que o autor, por meio da ficção, retratou o contexto histórico.

Assim:

Foi humilhado no centro da praça das Acácias, esbofeteado como se fosse um cão vadio à mercê da sanha de uma gangue feroz. Seu paletó branco explodiu de vermelho e ele rodopiou no centro do coreto, as mãos cegas procurando um apoio, o rosto inchado voltado para o sol, o corpo girando sem rumo, cambaleando, tropeçando nos degraus da escada até tombar na beira do lago da praça. Os pássaros, os jaburus e as seriemas fugiram. A vaia e os protestos de estudantes e professores do liceu não intimidaram os policiais. Laval foi arrastado para um veículo do exército, e logo depois as portas do Café Mocambo foram fechadas. Muitas portas foram fechadas quando dois dias depois soubemos que Antenor Laval estava morto. Tudo isso em abril, nos primeiros dias de abril (HATOUM, 2006, p. 142).

No trecho acima, percebe-se que foi exatamente no mês de abril que o professor Laval foi preso e, dois dias depois, morto, exatamente o mês em que se instaurou de fato o regime ditatorial. Hatoum (2006) faz uma associação a um período muito importante de nossa história, mostra exatamente como tudo acontecia. O professor Laval foi arrastado pelo exército para um carro e, dois dias depois, só encontraram seu corpo, porém, antes de tudo isso, ele foi humilhado, apanhou etc. Na história do livro, isso é apenas uma ficção, porém, na realidade tudo isso acontecia e, muitas vezes, de maneira bem mais violenta.

Percebem-se ainda, em “Dois irmãos”, como São Paulo cresceu e passou a ser considerada a grande metrópole e o quanto Manaus parecia ainda pequena, provinciana: “Vá embora de Manaus [...] se ficares aqui, serás derrotado pela província” (HATOUM, 2006, p. 32). Fala ainda um pouco de como foi o crescimento de Manaus, da chegada dos imigrantes: “Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro” (HATOUM, 2006, p. 32). “Agora não mora numa aldeia, mas numa metrópole” (HATOUM, 2006, p. 44).

Assim, na obra “Dois irmãos”, é possível verificar fatos que correspondem a

um determinado período da história do Brasil. O que se pretende com esta pesquisa não é afirmar o que vem a ser verdade ou mentira, mas que, no romance em questão, a Literatura e a História estão juntas, uma está a serviço da outra. O livro conta a história do ódio existente entre dois irmãos, mostrados a partir do ponto de vista do narrador em primeira pessoa.

Ao evidenciar dois núcleos básicos da narrativa, um em que relata a história conturbada de uma família de imigrantes libaneses, mostrada a partir do ponto de vista do narrador, e outra quando ele relata fatos históricos, confirmando, assim, a possibilidade da polifonia no discurso narrativo, como meio de ressaltar as diversas perspectivas a respeito da realidade, traz, por exemplo, o progresso do capitalismo, a loja da família “acabou com as vendas a fiado, ‘uma filantropia que não combinava com o novo comércio’” (HATOUM, 2006, p. 98), tudo estava tomando um novo rumo, ou seja, a cidade se adaptava a nova forma de comércio. “Em menos de seis meses a loja deu uma guinada, antecipando a euforia econômica que não ia tardar” (HATOUM, 2006, p. 98). Assim, como aconteceu em todo o país, com o fim do pós-guerra, o mundo ficou dividido, de um lado o capitalismo e do outro o socialismo.

Outro exemplo, a inauguração de Brasília, nova capital do país, em contrapartida com a situação ainda muito precária em que vivia parte do país, de um lado o progresso e do outro uma Manaus recheada de imigrantes e muitos seringueiros desempregados.

Noites de blecaute no Norte, enquanto a nova capital do país estava sendo inaugurada. A euforia que vinha de um Brasil tão distante chegava a Manaus como um sopro amornado. E o futuro, ou a idéia de um futuro promissor, dissolvia-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial e mais longe ainda do nosso passado grandioso (HATOUM, 2006, p. 96).

Hatoum (2006) retrata ainda o medo em que as pessoas se encontravam, como que todos esses desmandos refletiram na população, a forma como o governo impunha seu poder e como as pessoas tinham que obedecer para que não fossem condenadas por isso também, como pode ser observado:

[...] mas eu não via grande coisa no futuro, o mar estava muito longe, meu pensamento estava cravado ali mesmo, nos dias e noites presentes, nas portas fechadas do liceu, na morte de Laval. [...] Disse-lhe isto: que estava com medo [...] Um professor havia sido assassinado, o Antenor Laval... [...] Olhou para mim: “Eu também tenho um amigo... foi meu professor em São Paulo...” [...] Ele sabia que Manaus se tornara uma cidade ocupada. As

escolas e os cinemas tinham sido fechados, lanchas da Marinha patrulhavam a baía do Negro, e as estações do rádio transmitiam comunicados do Comando Militar da Amazônia. [...] Halim me aconselhou a não mencionar o nome de Laval fora de casa. Outros nomes foram emudecidos (HATOUM, 2006, p. 149).

Nesse trecho, o leitor é levado ao entendimento de que não foi apenas o professor Laval que desapareceu, mas muitos outros, “outros nomes foram emudecidos”, ou seja, muitas pessoas sofreram com o regime, porém, não se podia denunciar tudo isso.

A narrativa mostra ainda como eram as pessoas que lutavam a favor da liberdade de expressão: “Escreveu um ‘Manifesto contra os golpistas’ e o leu em voz alta” (HATOUM, 2006, p. 153). O manifesto foi escrito por Omar, que o leu na sala, mas apenas Nael escutou. No livro, foi uma leitura apenas como forma de desabafo, porém, na realidade, esses desabafos aconteciam e, justamente por acontecerem, muitas pessoas foram presas, exiladas e, até mesmo, mortas.

Os exemplos extraídos da obra “Dois irmãos”, de Milton Hatoum, *corpus* da pesquisa, mostram a possibilidade de a realidade histórica ser abordada por diversos ângulos, de forma que seus múltiplos aspectos sejam apresentados na narrativa ficcional. Ou seja, um procedimento da pós-modernidade que, como já mencionado, consiste na descentralização do sujeito na narrativa, isto é, na apresentação de vozes variadas. Assim, a literatura contemporânea, apresentada aqui por meio da obra de Hatoum, leva o leitor à reflexão e à formação de seu próprio ponto de vista, de uma leitura de mundo compatível com a experiência vivenciada. Não há, portanto, um desfecho tradicional direcionado pelo narrador, mas sim, um fecho que permite várias leituras, de acordo com as vivências do leitor.

A obra de Milton Hatoum abre ao leitor a possibilidade de participação no universo discursivo, promovendo o diálogo entre a Literatura e a História, o que o permite extrapolar todos os limites entre o que é real e o que é ficcional, buscando, dessa forma, um olhar crítico do mundo.

Portanto, no capítulo 3, o destaque é a relação entre leitura literária e ensino, especialmente a efetiva prática de leitura e análise de textos literários brasileiros contemporâneos, a obra “Dois irmãos”, como possibilidade de se estabelecer em sala de aula o imbricamento do passado com o presente, objetivando uma leitura do passado no presente ao estreitar o ficcional com o factual.

3 A NARRATIVA CONTEMPORÂNEA NA SALA DE AULA

Todas as pessoas exercitam a linguagem de muitos e diferentes modos em toda a vida, de tal forma que o mundo é o que ela nos permite dizer, ou seja, a matéria que constitui o mundo é a linguagem que o expressa. Em uma sociedade letrada como a nossa, existem inúmeras possibilidades de exercício da linguagem por meio do uso das palavras. Porém, existe uma que ocupa o lugar central, denominada escrita. De forma geral, quase todas as transações humanas, de nossa sociedade letrada, passam pela escrita, mesmo as que, aparentemente, são orais ou imagéticas. A escrita é um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações do ser humano, pois é por meio dos nossos saberes que organizamos nossa sociedade e nos libertamos dos limites que são impostos pelo tempo e pelo espaço.

É exatamente na Literatura que a linguagem, a palavra e a escrita encontram seu exercício mais perfeito. A Literatura não tem somente a palavra em sua constituição, como também a escrita é o seu veículo predominante. A prática da Literatura, por meio da leitura ou da escrita, consiste principalmente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana.

Ler, antes de tudo, é um ato de conhecimento e, conseqüentemente, de prazer. Fruir o texto é, acima de tudo, descobrir a vida que existe em suas malhas, ou seja, descobrir a realidade da forma mais palpável por meio da impalpável trama da linguagem. Em que as palavras, os signos e as formas, juntos, passam a ter significados concretos.

A proposta deste trabalho foi analisar como a ficção e a História estão presentes na obra “Dois irmãos”, de Milton Hatoum, *corpus* da pesquisa. No primeiro capítulo, explanou-se a respeito da Ditadura Militar (1964-1985), fato histórico, e suas conseqüências para o processo cultural brasileiro pós-ditadura; no capítulo segundo, fez-se uma abordagem dos fatos históricos que compõem a narrativa, objeto de estudo. Neste capítulo, será feita uma abordagem da importância da leitura literária para o ensino, em especial a leitura de textos contemporâneos, exemplificados aqui por meio da obra “Dois irmãos”, e como trabalhar esse livro em sala de aula para alunos de 3º ano do Ensino Médio, tendo por objetivo a leitura do passado por meio do presente, estabelecendo, assim, a

relação existente entre o que é ficção e o que é factual.

O estudo da Literatura tem grande valor na formação do leitor, ou seja, ele nos ensina não apenas a ler os textos literários, mas também a interpretá-los, permitindo-nos uma leitura crítica dos acontecimentos da nossa sociedade. Aqui, será abordada a importância principalmente da narrativa contemporânea para a sala de aula como aquisição de saberes.

Segundo Tzvetan Todorov (2009), o que prejudica a Literatura, hoje, não é a falta de bons poetas ou ficcionistas, nem a falta de produção ou criação poética, mas sim, a forma como a Literatura é oferecida aos jovens desde os primeiros anos escolares até a faculdade.

Assim:

O perigo que hoje ronda a literatura não está, portanto, na escassez de bons poetas ou ficcionistas, no esgotamento da produção ou criação poética, mas na forma como a literatura tem sido oferecida aos jovens desde a escola primária até a faculdade: o perigo está no fato de que por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária (TODOROV, 2009, p. 8-9).

O estudo do *corpus* da pesquisa, “Dois irmãos”, de Milton Hatoum, tem a finalidade de analisar a Literatura em relação à sociedade, à cultura e, também, à condição humana. Todas essas questões ocorrem porque a literatura contemporânea constrói um discurso polifônico, isto é, a composição de diversas vozes, de um determinado local. Isso faz da narrativa contemporânea um centro de debates que tem por objetivo a busca da formação de uma consciência em relação ao mundo, observando-se a quebra de vários paradigmas.

Pode-se ainda destacar o diálogo da Literatura com outras áreas do conhecimento que é promovido a partir da narrativa contemporânea. No caso específico da obra “Dois irmãos”, pode-se encontrar a relação da História com o texto literário, isto é, o factual com o ficcional.

É muito importante que, em sala de aula, as relações que envolvem a História e a Literatura sejam discutidas para que os alunos compreendam que um texto, apesar de ser literário, pode sim compreender aspectos factuais. Ou seja, mesmo o autor usando a ficcionalidade, ele também consegue destacar um determinado período de nossa História, consegue mostrar ao mundo como determinadas situações aconteceram, sendo capaz de desnudar a sociedade de um determinado

tempo, comparando-a com a sociedade de seu tempo.

O motivo de ocorrerem as imbricações entre Literatura e História não quer dizer que um texto que contém o factual não seja literário, assim, como também um livro que contenha textos literários, deixou de ser histórico, mas sim que, em algum momento, as duas se uniram para melhor exemplificar um determinado assunto, em um determinado contexto.

É importante que o professor tenha em mente a importância do letramento, para que saiba como lidar com cada aluno, que entenda que uma pessoa que possui algum estrato de letramento é muito mais que alguém que sabe ler, mas, segundo Magda Soares (2001), uma pessoa que consegue desenvolver determinadas práticas sociais, que sabe usar, de forma adequada, as demandas tanto da leitura, quanto da escrita e estabelecer a capacidade de inferência. Desse modo:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado, alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, não é só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, responde adequadamente as demandas de leitura e escrita (SOARES, 2001, p. 39-40).

Esse diálogo aguçado que o romance “Dois irmãos” possui com a história permite novas formas de apresentação e tratamento do texto literário dentro da sala de aula. Assim, o aluno será levado a buscar um olhar crítico do mundo, uma vez que a literatura contemporânea sugere um universo de mudanças e inquietações.

Rildo Cosson (2009) diz que o processo de letramento literário se diferencia da leitura literária, pois só é possível a ocorrência desta a partir da primeira. Ele defende a ideia de que a literatura deve ser ensinada na escola, assim:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2009, p. 23).

Em sala de aula, o professor não deve apenas exigir que o aluno leia uma determinada obra e faça uma avaliação a partir dessa leitura, uma vez que a leitura é constituída por meio dos mecanismos que a escola desenvolve para a proficiência da leitura literária. Por exemplo, a partir da obra “Dois irmãos”, de Milton Hatoum, o

professor pode estabelecer uma intertextualidade com os fatos históricos que correspondem à obra, ou seja, além da análise que pode fazer, juntamente com os alunos, do livro, dos personagens, também pode trabalhar com os fatos históricos, relacionando isso com cada acontecimento que o livro retrata da história do Brasil. Assim, acredita-se que o aluno terá um olhar mais crítico da obra e dos próprios acontecimentos que envolvem a narrativa.

Então:

[...] na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura (COSSON, 2009, p. 65).

Entende-se que o aluno não apenas decodificará o texto, mas o apreenderá, podendo ter sua própria leitura ou várias leituras, uma vez que consegue compreender os sentidos do texto. São essas práticas que o professor deve levar em consideração, ao pedir uma leitura ao aluno, que a leitura não fique apenas em ler o texto, saber quem é o autor, mas que consiga ir mais que o livro mostra.

O romance “Dois irmãos” deve ser trabalhado em sala de aula a partir do imbricamento entre a História e a Literatura, isto é, para que a análise seja ampla, o professor deverá trabalhar com os fatos históricos que correspondem à narrativa do livro. Essa análise deverá ser feita a partir de uma abordagem de toda a obra e do autor. Antes é necessário que se explique ao aluno o que é literatura contemporânea, o porquê de trabalhar com uma realidade tão presente, entre outros aspectos.

É interessante que o professor de literatura tenha em mente que ele deve formar leitores e, não, ledores. Uma vez que o leitor compreende o texto na sua dialética com o contexto, na sua relação de interação com a forma. Assim, por meio de uma observação mais detida e de uma compreensão mais eficaz, ele adquire uma percepção mais crítica do que é lido, em outras palavras, interpreta a política do texto. Assim, enquanto o aluno percebe que a leitura é fonte de conhecimento e de domínio do real, ele descobre o prazer que existe na decodificação aprofundada do texto. Enquanto que o ledor apenas decodifica o texto, isto é, não consegue dar sentido ao que lê, apenas reproduz mecanicamente o que está escrito.

Em seguida, o professor deverá analisar a obra, o porquê de o personagem

ser um narrador presente na história, toda a estrutura que compõe a narrativa e qual ponto de vista enfoca. Procurar aliar os fatos do livro que correspondem à história, procurando sempre fazer uma relação desses fatos. Como, por exemplo, no seguinte trecho da obra de Hatoum: “A euforia, que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado” (2006, p. 96), aqui se pode trabalhar a questão do crescimento do país e o próprio desenvolvimento de Manaus que foi um tanto tardio, comparado com algumas metrópoles, São Paulo, por exemplo.

O professor pode muito bem, a partir do trecho destacado acima, trabalhar inúmeras situações com os alunos. Por exemplo, ele pode selecionar algum documentário que corresponda ao crescimento do país em meados da década de 1970 e parte da de 1980, dialogando com os alunos quais consequências esses fatos trouxeram, não apenas em termos de crescimento urbano, mas e, principalmente, quanto, por exemplo, à cultura de massa.

Pode-se trabalhar também, em sala de aula, a questão da cultura libanesa, da qual é descendente a família dos gêmeos, a própria cultura manauara, buscando evidenciar junto aos alunos as diferenças existentes entre essas culturas. Deve-se mesmo trabalhar com a diversidade cultural no Brasil.

Outros aspectos podem ser explorados, como a questão do Brasil depois do pós-guerra, como se deu a construção de Brasília, quais os impactos, em termos políticos e globais, advindos com essas mudanças. No *corpus*, o autor faz uma relação com esse fato, “Se a inauguração de Brasília havia causado euforia nacional; a chegada daqueles móveis foi o grande evento da nossa casa” (HATOUM, 2006, p. 97), ou seja, enquanto a capital do país era inaugurada com grande empolgação pelo povo brasileiro, ali, na casa da família, o que era interessante era a reforma da moradia que acontecia, os móveis novos que chegavam, o impulso crescente da fixação do modelo capitalista, apesar de tardio nesse país periférico.

O professor pode ainda selecionar parte do livro e relacioná-lo ao que corresponde à história, como textos jornalísticos da época, enfim, textos que tragam a situação daquela parte da história do Brasil. Por exemplo, o seguinte texto é parte do livro e diz respeito à Ditadura Militar.

Estranhei que Laval não tivesse me convidado para participar da leitura de poesia. Depois, em março, ele faltou às primeiras aulas e só apareceu na terceira semana do mês. Entrou na sala com uma expressão mais abatida

do que quando o vira em casa, o paletó branco cheio de nódoas, os dedos da mão esquerda e os dentes amarelados de tanto fumar. “Desculpem-me, estou muito indisposto”, disse em francês. “Aliás muita gente está indisposta”, murmurou, agora em português. Mal se equilibrava em pé. A mão direita trêmula, segurava um pedaço de giz, [...] “Vamos ver... vamos... ler alguma coisa... traduzir...” [...] O professor de francês não voltou mais ao liceu, até que numa manhã de abril nós presenciamos sua prisão. [...] Foi humilhado no centro da praça das Acácias, esbofeteado como se fosse um cão vadio à mercê da sanha de uma gangue feroz. Seu paletó branco explodiu de vermelho e ele rodopiou no centro do coreto, as mãos cegas procurando um apoio, o rosto inchado voltado para o sol, o corpo girando sem rumo, cambaleando, tropeçando nos degraus da escada até tombar na beira do lago da praça. Os pássaros, os jaburus e as seriemas fugiram. A vaia e os protestos de estudantes e professores do liceu não intimidaram os policiais. Laval foi arrastado para um veículo do Exército, e logo depois as portas do Café Mocambo foram fechadas. Muitas portas foram fechadas quando dois dias depois soubemos que Antenor Laval estava morto. Tudo isso em abril, nos primeiros dias de abril (HATOUM, 2006, p. 139-142).

A partir do trecho acima, o professor pode trabalhar como se deu esse período na história do Brasil, explicar aos alunos quais foram as classes mais afetadas, que foi justamente a intelectual. Inclusive, o texto selecionado fala exatamente de um professor que era também um poeta. Poesias estas que eram entregue a seus alunos. Deve relacionar como as pessoas, na época do regime ditatorial, desapareciam sem nenhuma explicação, sofriam não apenas violência física, mas moral também, tanto que o professor do livro é espancado em praça pública para que todos vejam e não façam o que ele fazia, que, segundo o regime militar, era totalmente ilegal, ou seja, ensinar o aluno a ser crítico.

O professor deve, antes de trabalhar com a análise do livro, exemplificar para o aluno o que é literatura contemporânea, por que ela trabalha com uma realidade tão presente. Em seguida, analisar toda a estrutura do livro, o enredo, o desenrolar dos personagens, como os acontecimentos vão chegando ao conhecimento do leitor.

Após todas as discussões a respeito da obra, o professor poderá, juntamente com os alunos, montar uma peça teatral ou um sarau em que selecionarão alguns trechos do livro “Dois irmãos” para serem dramatizados.

O que se pretende é que o aluno possa desenvolver, na forma artística, o entendimento da obra nos seus aspectos fictícios apresentados na narrativa, e os aspectos factuais que são os fatos históricos. Desse modo, o aluno desenvolverá o senso crítico e analítico para estudar e compreender textos contemporâneos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa foi analisar de que forma a história e a ficção estão presentes na obra “Dois irmãos”, de Milton Hatoum, ao relacionar a obra com o ensino, isto é, como trabalhar esse assunto em sala de aula, tendo por objetivo a leitura do passado a partir do presente, estabelecendo, dessa forma, a ligação existente entre o que é ficção e o que é factual.

O estudo da Literatura permite uma leitura crítica dos acontecimentos da nossa sociedade, por isso o seu valor na formação do leitor. Assim, o *corpus* da pesquisa teve por finalidade a análise da literatura em relação à sociedade, à cultura e, também, à condição humana, uma vez que a literatura contemporânea constrói um discurso polifônico, ou seja, a composição de várias vozes, em um mesmo local.

Também, nesta pesquisa, pôde-se destacar o diálogo da literatura com outras áreas do conhecimento, como, por exemplo, a relação da História com o texto literário, ou seja, o factual com o ficcional, entre outros. É interessante que, em sala de aula, esses aspectos que envolvem tanto a História quanto a Literatura sejam discutidos, pois isso proporcionará que os alunos entendam que mesmo um texto ficcional pode trazer em sua narrativa fatos que correspondem a um determinado período da nossa História. No caso específico da obra “Dois irmãos”, perceberam-se as relações que Hatoum faz à situação do Brasil depois do pós-guerra, à Ditadura Militar, por exemplo.

O diálogo aguçado que a obra “Dois irmãos”, de Milton Hatoum, possui com a História permite ao professor formas novas de apresentação e tratamento do texto literário dentro da sala de aula, uma vez que permite ao aluno a busca de um olhar crítico do mundo, pois a literatura contemporânea nos sugere um universo de mudanças, inquietações e a quebra de paradigmas.

A obra “Dois irmãos” deve ser abordada, pelo professor, em sala de aula, a partir de uma intertextualidade com outras áreas do conhecimento, destacando a análise dos elementos da narrativa (romance), como toda a trama é desenrolada e como é apresentada ao leitor.

Entende-se que o professor, ao utilizar o imbricamento entre o factual e a ficção, estará possibilitando ao aluno uma leitura interdisciplinar e, por isso, mais prazerosa e fácil de ser apreendida.

A leitura literária tem grande importância na compreensão da obra de arte

como geradora de significados, uma vez que a obra de arte é um saber, isto é, uma visão de mundo que não apenas direciona o olhar crítico, mas também traz uma posição frente à História. O estudo da Literatura tem grande valor na formação do leitor, ou seja, ele nos ensina não apenas a ler os textos literários, mas também a interpretá-los, permitindo-nos uma leitura crítica dos acontecimentos da nossa sociedade. Não se pode esquecer que a obra de arte é geradora de significados e contribui para que o indivíduo saia de uma situação alienadora e busque questionar o seu contexto. Não se pode dizer que a obra de arte modifica o mundo, mas que forma indivíduos críticos.

5 REFERÊNCIAS

- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.
- HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- HUTCHEON, Linda. *Metaficção historiográfica: o passatempo do tempo passado*. In: _____. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- MALARD, Letícia. *Ficção e história na narrativa contemporânea brasileira*. In: _____. *Literatura e dissidência política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- PAES, Maria Helena Simões. *A década de 60: rebeldia, contestação e repressão militar*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998, p.290.
- O governo de Jânio quadros. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/governo-janio-quadros-1961-mandato-polemico-de-sete-meses.jhtm>. Acesso em: 23 ago. 2012.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SILVA, Deonísio da. *Nos bastidores de censura: sexualidade, literatura e repressão pós 64*. 2º ed. revista. Barueri – SP: Mangle, 2010.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica. 2ª ed. 3ª reimpressão, 2001.
- SCHWARZ, Roberto. *Cultura e Política 1964-1969*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*. 2 ed. revista. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.